

POR UMA MUSEOLOGIA DIVERSA: A CONSTRUÇÃO DO MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL

*Renata Cardozo Padilha
Thainá Castro Costa
Mayara Lacal Cunha Ladeia*
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Esta entrevista¹, realizada em maio de 2020, foi gravada online via Google Meet com Franco Reinaldo, atual diretor do Museu da Diversidade Sexual (MDS) em São Paulo. Franco Reinaldo é graduado em Marketing pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, tem expressiva atuação no movimento LGBT² na cidade de São Paulo e atua como Diretor Executivo do MDS desde 2013. A entrevista foi feita no âmbito do projeto *Acervo e diversidade: mapeamento e política de acervo em museus*, coordenado pela professora Thainá Castro Costa, o projeto de extensão contava com professores e estudantes do curso de graduação em Museologia e Letras da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, professores e pesquisadores de outras Universidades Federais, museólogos do IBRAM e técnicos do MDS³. O projeto foi desenvolvido entre Abril de 2020 a Março de 2021 e teve como resultado principal a construção da política de acervos do MDS, construída de forma interdisciplinar e baseada no debate de Museologia LGBT. A entrevista ocorreu a partir da inquietação do grupo de trabalho em compreender sobre as questões sociais que envolveram a criação do museu e suas ações desenvolvidas com a comunidade LGBT.

Para além do pioneirismo do MDS consideramos importante suscitar mais debates sobre Museologia LGBT. As Museologias adjetivadas estão ligadas a pautas identitárias dentro do campo dos museus, no caso da Museologia LGBT sua organização teve início na década de 2010 com a criação da Rede LGBT de Memória e Museologia Social e se desenvolveu na última década a partir de eventos acadêmicos, articulação com movimentos sociais e incentivo a produção teórica. A Museologia LGBT se organiza a partir do protagonismo de pessoas LGBT na luta e promoção por direitos dentro do campo dos museus, questionando discursos hegemônicos calcados na cis

¹ Foram extraídos recortes da entrevista para atendimento às normas da revista.

² Sigla referente à Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Transexuais.

³ Profa. Thainá Castro, Profa. Renata Padilha, Izabella Cavalcante, Mayara Lacal, Nathalia Maia, Rafael Muniz, Vanessa Halmenschlager, Franco Reinaldo, Leonardo Arouca, Wiil, Profa. Inês Gouvêia, Prof. Jean Baptista, Tony Boita.

heterossexualidade e na difusão de políticas fóbicas dentro dos museus. De forma prática temos a definição de sete pontos de construção desta Museologia:

- 1 [...] é uma Museologia produzida por quem utiliza o pronome “nós” e não apenas por quem é gay ou lésbica, por exemplo, gerando potentes conjugações interessadas na defesa de um coletivo;
- 2 Opõe-se a tentativas de expropriação de seus patrimônios por pessoas que não pertencem a essas comunidades, em especial quando empreendidas por pesquisadores acadêmicos, políticos demagógicos, ONGs elitistas, igrejas e milícias, entre outras organizações exóticas às comunidades — o pertencimento direto, portanto, é característica fundamental dessa produção;
- 3 Estar vinculada às políticas públicas na América Latina, e por isso utiliza a sigla LGBT, pois é esta a forma consagrada de denominar a ampla população que não se encaixa na matriz heterossexual no campo das Políticas Públicas deste território (BOITA, 2018), sobretudo como se nota no Brasil [...];
- 4 É uma Museologia popular e, conforme realidade latino-americana, é localizada em periferias urbanas ou simbólicas, bem como consta com corpos não-brancos em sua gestão, ou seja, corpos negros, indígenas, afro-indígenas, pardos etc—o que a torna uma prática criativa, que valoriza a performatividade enquanto expográfica e utiliza materiais econômicos ou reciclados, indispondo-se a orçamentos elevados pois sabe que existem questões emergenciais onde o dinheiro deve de fato ser gasto;
- 5 é uma Museologia em pleno diálogo com uma Museologia Feminista também emergente e interseccional em raça e classe
- 6 [...] a Museologia LGBT integra certamente a Museologia Social ou Sociomuseologia, não sem antes alertar que dentro desse grande escopo também reside a fobia à diversidade sexual comum aos museus;
- 7 Por valorizar performances, vocabulários, múltiplas sexualidades e identidades plurais em constante renovação, este modo de conceber Museologia pode ser nomeado como Museologia Pajubá, Museologia Babadeira, Museologia Pintosa, Museologia Fechativa, Museologia Afrontosa, Museologia Travesti, Museologia Trans, Museologia Sapatão, Museologia Lgbt Afro-Indígena, entre outras possibilidades criativas que certamente irão variar quanto mais se experimentar uma libertação sexual museológica. (BAPTISTA, BOITA, 2020, p. 5-6)

O Museu da Diversidade Sexual é a primeira experiência museológica no Brasil com foco na preservação de memórias dissidentes e no debate sobre sexualidades e identidades de gênero. Pelo trabalho pioneiro, e pela importante atuação junto à comunidade LGBT na luta por direitos e promoção de vida consideramos ser essencial o compartilhamento de informações sobre a criação e o desenvolvimento de um museu como esse, e por isso selecionamos dentre todos os materiais gerados, no já mencionado projeto de extensão, esta entrevista com Franco Reinaudo, que esteve na construção do museu e atuou como diretor na maior parte da história da instituição até aqui. Nesta entrevista Franco nos conta sobre os contextos que levaram a idéia de um museu como o MDS, sobre os desafios e o caminho traçado para o sucesso desse projeto.

Entrevistadora: Franco, muito obrigada por ceder esta entrevista para o projeto. Para darmos início a essa conversa gostaria que você contasse um pouco sobre os motivos e realidades sociais que permeiam a construção do MDS.

Franco: Primeiro gostaria de agradecer muito a vocês por estarem aqui. Sobre a construção do MDS acho que tem um pré-cenário importante, que tem a ver com a ditadura. Eu acho que a ditadura interrompe um processo de construção dos movimentos sociais e isso vai afetar de certa forma a organização e a construção dos grupos lgbs. Então mesmo que a ditadura tenha terminado em oitenta e cinco [1985] eu acho que isso tem um reflexo grande no movimento, é um dado importante de se levar em consideração. Um segundo dado importante é a questão da epidemia da AIDS. Na hora que a gente começa a sair, acaba a ditadura, em seguida vem a questão da AIDS e ceifa também essa construção. Aqui tem dois fatores, pois ao mesmo tempo em que ela joga a gente pra esse lugar do preconceito, essa coisa do sexo como promiscuidade, também faz com que exista uma união entre essas pessoas, quem viveu isso sabe muito bem que a gente acabou se unindo para cuidar das pessoas, por que os hospitais, as famílias, etc, ninguém queria cuidar das pessoas doentes. Então a própria comunidade se une para ajudar sempre que possível. Eu acho que isso tem um reflexo muito grande na história do museu, porque a partir dessa experiência, algumas dessas pessoas vão depois pensar na história do museu, como a gente a partir da perda dessas pessoas, como que essa memória se esvai, se perde. A própria sociedade não queria saber dessas pessoas. Então foi o momento que a gente começou a falar sobre ter uma plataforma de visibilidade, de preservar essa memória.

Entrevistadora: E nesse processo de construção, há algum destaque importante para a organização do movimento que vá influenciar a criação do museu posteriormente? Quem eram as pessoas que construíram esse movimento?

Franco: Foi quando a gente começou a ter esse movimento de Paradas no Brasil e principalmente a Parada de São Paulo, no final da década de noventa, mais precisamente entre noventa e sete e dois mil [1997 - 2000]. É legal que a Laura esteja aqui hoje, porque a Laura presenciou isso, então ela é testemunha desse momento onde um grupo de pessoas se juntou para ajudar na construção da Parada. De um lado tem os ativistas, mas também havia várias pessoas que não necessariamente

estavam envolvidas nesse movimento, mas que se juntaram para construir. Podemos falar aqui de João Silvério Trevisan que era escritor, ou de Celso Cury que era o jornalista da Coluna do Meio, inclusive a gente tem esse acervo lá no museu. O Celso Cury tinha uma coluna, que foi a primeira a falar um pouco do universo lgbt, e por isso ele foi processado durante a ditadura. Tinha também o Serginho Miguês, que era um cara dono de uma livraria lgbt - na época começou esse movimento de ter negócios lgbt – e eu acho que a Parada foi fundamental nesse processo de criação de negócios lgbt. A Laura Bacellar estava nesse grupo, a Laura foi a primeira editora desse ramo, criou a editora gls, e depois a editora malagueta, que era específica para meninas. Então tinha um grupo de pessoas que estavam preocupadas em como a gente ia preservar essa memória a partir dessa experiência que a gente teve, tanto da ditadura como em relação a AIDS, principalmente sobre a experiência de perder as pessoas, perder os amigos, as amigas. Então nesse processo todo o que aconteceu é que a gente pensou em várias alternativas.

Entrevistadora: E como vocês organizaram isso?

Franco: Na época estava começando a criação de portais, essa coisa da internet. Então a primeira ideia era criar um portal para que as pessoas pudessem colocar esses materiais. Essa foi a primeira ideia que surgiu para preservar essa memória e garantir visibilidade. Isso no final dos anos noventa, mas a parada começa a ter muita visibilidade, e também o grupo se dispersa, algumas pessoas continuaram e outros não, acho que todo mundo sabe que houve uma ruptura na Parada aqui em São Paulo, então eu vou falar por mim, eu acabei me afastando um pouco disso, apesar de sempre colaborar, até hoje eu colaboro com a Parada mas eu me distanciei um pouco. Então o que acontece é que na cidade de São Paulo se cria a coordenadoria de Assuntos da Diversidade Sexual, isso se eu não me engano, foi em 2005 ou 2006, não lembro bem, mas, foi logo depois da Marta, por que foi o Serra que criou a coordenadoria. E eu fui convidado para assumir no segundo governo. E quando eu assumi a coordenadoria a primeira coisa que eu fiz foi ouvir as pessoas, pra isso eu chamei uma série de pessoas, dentre elas João Silvério Trevisan, que falou "Franco agora que a gente está num espaço de poder vamos recuperar a história e criar esse lugar de memória." Criar esse espaço é pra gente poder cuidar da nossa história, e foi isso que aconteceu, a partir dali a gente foi procurar um espaço, e aí que nasce a ideia de se ter um museu da diversidade sexual.

Entrevistadora: E como esse processo se desenrolou? O museu foi criado por qual instância governamental?

Franco: Eu acabei batendo na Secretaria de Estado, na verdade eu estava na prefeitura e fui na secretaria de estado pedindo parceria. Quem estava na época como secretário era o Andrea Matarazzo , e quem estava ajudando o Andrea era o Paulo Mortari. Na secretaria também tinha um local chamado assessoria para gêneros e etnias que pautava as políticas públicas na cultura relacionadas à diversidade e grupos minoritários, mas não tinham nada voltado para a comunidade lgbt, então quando apareceu a ideia do museu foi algo importante. A princípio a ideia do museu era pra ser uma parceria entre a prefeitura e o estado, mas acabou sendo encampado pela secretaria da cultura do estado mesmo.

Entrevistadora: E como foi o diálogo com a comunidade na construção do museu? O museu nasce com o nome Museu da Diversidade Sexual?

Franco: Começamos a fazer uma série de reuniões com a comunidade, para ouvir o que pensavam e queriam em relação a esse espaço, e assim fomos amadurecendo a ideia do museu. No final acabou não nascendo como museu, a secretaria resolveu bancar a ideia, mas de forma diferente do original, com um nome super pomposo: centro de cultura, memórias e estudos da diversidade sexual. E aí resolvemos usar a estratégia das trans, de criar um nome social, como queríamos museu desde o começo passamos a chamar Museu da Diversidade Sexual. E assim foi, mesmo não sendo museu, só passou a ser museu no final de dois mil e dezoito [2018] quando teve um Decreto de mudança.

Entrevistadora: Essa estratégia do uso do nome social é um espelhamento interessante da organicidade do museu em relação a comunidade, certo? De que outras formas você enxerga essa relação?

Franco: Eu acho que o museu é esse corpo discriminado, e isso é uma coisa muito evidente no cotidiano, porque esse corpo – que agora está no metrô – incomoda as pessoas. Por isso que as pessoas agridem inclusive fisicamente. O museu sofre "voadora", sofre pixação, esse processo é muito simbólico. A gente representa esse incômodo que acaba causando na sociedade, como seres

humanos e como lugar físico. Eu acho que este processo se reproduz na construção desse equipamento cultural, por isso não foi criado como museu, mas como Centro de Cultura e Memória da Diversidade Sexual.

Entrevistadora: E como foi essa transição de Centro de Cultura para museu? Você esteve à frente do projeto desde o início?

Franco: Aí tem um hiato porque eu saí da prefeitura e o museu continua na secretaria. Minha ideia era voltar para minha casinha, porque a minha experiência no poder público foi muito intensa. Imagine estar em uma coordenadoria de diversidade sexual sem a menor estrutura e com uma demanda enorme desde violência física, assassinato, até o povo do Largo do Arouche reclamando porque os gays estavam fumando maconha. Tudo caía lá, como se a gente fosse a área de serviço e qualquer problema que tinha com lgbt era lá. Era uma situação absurda, vinte e quatro horas por dia meu telefone tocava "morreu alguém, tá acontecendo alguma coisa". Foi uma experiência traumática para mim. Hoje em dia tem outros equipamentos para ajudar, como a criação do Centro de Referência aqui no centro. Hoje há outros espaços na cidade de São Paulo que fazem atendimento. Então foi bem complicado e a gente ainda cuidava da Parada. Imagina cuidar de um evento com milhões de pessoas. Enfim, fui descansar e nesse período o museu abriu em dois mil e doze [2012], mas em dois mil e treze [2013] o pessoal da secretaria me chamou porque achavam que o museu não estava conseguindo andar, porque não tinha estrutura. Para vocês terem uma ideia, o orçamento do museu no começo era de quarenta mil reais e tinha dois cargos para cuidar dele, ou seja, era inviável e tinha proposta de ter uma verba para fazer a adequação desse espaço. Quando o museu abriu não teve uma repercussão muito grande, e foi nesse contexto que o pessoal da secretaria me chamou de volta.

Eu acho que tem uma construção histórica de grupos fortes de militância, mas naquele momento era muito necessário a gente pautar outras questões e a cultura é algo fundamental para construir uma sociedade mais justa. E em relação à população lgbt tinha uma lacuna muito grande, principalmente pela falta de visibilidade na área museológica. Eu não sou museólogo, mas eu acho que tem gente muito boa pra pensar nessa lacuna dessa questão da diversidade nos museus. E aí eu resolvi aceitar esse desafio, que foi bastante complexo, porque cuidar de uma instituição ou espaço cultural com quarenta mil reais era bem complicado. Daí a primeira coisa que eu fiz com essa verba foi ir na área de obras da Secretaria, quando eu cheguei lá todo mundo reclamava "ah

não sai a reforma", e eu falei "gente, mas tem que fazer!" Me apresentei "Eu sou o Franco e assumi agora a coordenação do museu e queria saber como está a situação" e só me respondiam "ah tá bom, a gente vai ver e fala com você", e eu tive que me impor "não, você não está entendendo, eu vou ficar aqui até ver o processo da obra" a menina que trabalhava lá falou "É?" eu respondi, "É! vou ficar sentadinho esperando, não tem problema." Bom, no frígir dos ovos, eles tinham fechado o processo, tinha sido arquivado. Aí tiveram que reabrir o processo e fazer tudo de novo para conseguirmos fazer a reforma.

Entrevistadora: E o museu foi bem recebido? Teve alguma estratégia para a inserção dele junto à comunidade ou isso se deu de forma natural?

Franco: Diziam "Pra que um museu lgbt?", ou "ahh, mas se tem museu gay tem que ter museu hétero". Olha, a gente escutou de tudo. E eu percebi que era importante a gente criar alguma forma para que o espaço fosse reconhecido, tanto pela comunidade lgbt quanto pela comunidade da cultura, dos museus. Se não tivéssemos esse reconhecimento o museu ia ficar jogado como estava. Então eu pensei que seria importante ativar algumas assinaturas enquanto não engrenasse como Museu da Diversidade a ideia era ter gente bacana que respaldasse esse espaço.

Entrevistadora: E como foi isso na prática?

Franco: Eu tinha ouvido falar pelo Celso, que tinha um material incrível no Instituto Moreira Salles, um trabalho de uma fotógrafa maravilhosa chamada Madalena Schwartz, que durante a ditadura - entre os anos sessenta e setenta - fotografou artistas lgbts da noite, e aí eu fui atrás disso. Mesmo sem dinheiro eu fui lá no Instituto Moreira Salles e eles passaram uma conta imensa e eu falei, "não, não vai dar querida", e eles foram ótimos e cederam tudo de graça. Daí eu fui atrás do Jorge Schwartz que é um cara super reconhecido no campo dos museus e que na época estava no Museu Lasar Segall, e ele é filho da Madalena, então convidei para fazer a curadoria. E também fui atrás de um cara bárbaro para fazer a cenografia dessa exposição. E aí a gente montou esse circo! A gente montou esse circo e também entendeu naquele momento o papel importante que era esse espaço no meio de São Paulo, do movimento da Estação. Naquele momento a gente intuiu que era importante usar os vidros – que são usados até hoje – é um pouco sobre entender esse movimento das pessoas que passam e dar possibilidade de olharem alguma coisa. Isso é uma coisa tão

fundamental que quando abrimos era impressionante o tanto de gente que passava xingando. Eu ficava na porta e era terrível, mas hoje parece que o museu foi incorporado a esse lugar e as pessoas param e simplesmente olham. Então acho que foi importante essa ação de deixar ele visível.

Entrevistadora: Mas então isso foi uma adaptação, não fazia parte do projeto original?

Franco: Não, o primeiro projeto do museu era fechar inteiro, mas a ideia não vingou, a gente usou muito - e usa até hoje - essas janelas de vidro.

Entrevistadora: Retomando a questão da exposição, como foi?

Franco: Eu acho que essa exposição chamava Crisálidas, e conseguimos também expor uma das únicas fotografias da Madalena que eram coloridas, todo o trabalho dela é branco e preto e essa fotografia nunca tinha sido exposta e isso foi graças ao Jorge que falou "Ó tem essa imagem aqui que é colorida e nunca foi exposta". Usamos também a estratégia de reabrir o museu perto da Parada, e ali apareceram cinco Secretários e o governador para abrir a exposição, então foi como se fosse a inauguração mesmo do museu como ele merecia. Foi muito importante esse momento do museu. Essa exposição teve uma repercussão muito grande e a partir dali começamos a estabelecer relações que fomos cultivando ao longo desses oito anos. Eu acho que essa exposição marcou, no sentido de entender a importância desse espaço, a importância da temática, e foi uma exposição com qualidade. A gente conseguiu quase tudo na faixa, as pessoas ajudaram mesmo, o Instituto Moreira Salles não cobrou, o arquiteto também não cobrou, e a gente foi se ajeitando. Isso também é uma característica muito bacana do museu, até hoje como estamos fazendo, como vocês estão aqui para ajudar o museu de forma pró-bono. O museu ao longo do tempo foi construindo essas relações onde muitas pessoas ajudaram. E eu acho que isso é fundamental, eu acho que um museu como o Museu da Diversidade Sexual só existe e só tem razão de existir se tiver a participação das pessoas, isso é muito presente na nossa história.

Entrevistadora: E após essa re-inauguração como o museu foi se estruturando?

Franco: Daí em diante foi uma sucessão de coisas, vou pontuar as coisas mais importantes. A exposição que aconteceu logo na sequência também não tínhamos dinheiro, então pintamos o museu e com aqueles mesmos painéis montamos uma exposição junto com a SPFW que chamava Moda e Diversidade, com editoriais de moda que falavam de diversidade. Ali nasceu um outro ponto chave para o museu, que foi quando compreendemos que precisávamos falar com os aliados da causa, ou com outros grupos que também sofrem preconceito. Então nessa exposição além da diversidade sexual, tinha recorte étnico racial. Foi muito legal porque percebemos que várias pessoas entravam porque se identificavam com algumas imagens. As fotos eram muito bonitas, fotos de moda que chamavam muita atenção, e as pessoas entravam e perguntavam "Mas isso aqui é um museu?" muitas dessas pessoas nunca tinham entrado em um museu. Essa acabou sendo uma característica bacana do Museu da Diversidade, essa tentativa de ser um espaço realmente democrático e livre. A gente não tem realmente nenhuma barreira para a entrada. Qualquer pessoa entra e qualquer pessoa é bem vinda, mesmo que isso cause algum tipo de transtorno.

Entrevistadora: O museu tem protocolos de segurança? Isso entra em conflito de alguma forma com esse acolhimento a todas as pessoas e a diversidade?

Franco: Sim, temos segurança. Não faz muito tempo um cara tentou sair com a televisão da exposição embaixo do braço. Mas é legal porque você vai entender de verdade o que é diversidade de verdade. Eu conto sempre essa história de uma mulher trans que ia sempre lá no museu, ela estava em situação de rua, mas sempre ia nos primeiros dias da exposição e ficava prestando atenção nos educadores e depois quando entrava o público ela fazia a visita monitorada. Isso é incrível! Porque a gente fala de discriminação, e fala de exclusão então a gente tenta de uma certa forma não reproduzir isso. E é complexo, por exemplo, quando a gente tem obras de arte sempre avisamos os artistas o que é o espaço e como não temos como garantir a absoluta segurança da obra, nunca aconteceu nada, mas a gente deixa claro pro artista.

Entrevistadora: E tiveram outros momentos importantes nessa construção do museu ou na consolidação dele?

Franco: Sim, tiveram alguns momentos importantes para o museu. Depois dessa exposição com a SPFW fizemos uma exposição que a gente chama de blockbuster, resolvemos fazer uma exposição interativa chamada Todos podem ser Frida, que era uma brincadeira. Nós montamos um estúdio fotográfico e um camarim, e as pessoas iam lá no museu e se vestiam de Frida Kahlo e a gente tirava foto e essa foto depois começava a fazer parte da exposição. Teve finais de semanas com mais de mil e quinhentas pessoas, foi uma loucura, e foi incrível porque as fotos são lindas, tem fotos de famílias, fotos de crianças, fotos de tudo que você pode imaginar. E todo mundo ia lá pra se vestir de Frida, então eu acho que esse é um momento muito bonito do museu. Essa exposição teve uma visibilidade enorme, foi para Itália e circulou bastante por aí, até hoje é a exposição do museu que mais circulou, porque foi a partir dela que entendemos que era importante o acervo do museu itinerasse. E como temos essa ligação com o Estado de São Paulo nós montamos um Programa de Itinerância que fez com que o acervo itinerasse pelo estado de São Paulo. Apesar disso, o acervo do museu já saiu para outros lugares como eu falei sobre a Itália, também foi para Portugal, e para Pelotas, Salvador, etc. A ideia do Programa de Itinerância do museu é a gente garantir o acesso ao acervo no interior e no litoral do estado. E isso é muito bacana, porque vamos em cidadezinhas pequenas, o programa é gratuito, e sempre propomos parcerias com as prefeituras ou com a Secretaria de Cultura ou outro órgão oficial, nós vamos de graça, eles só pagam o transporte das obras. Desse jeito o acervo do museu já circulou por quase todo o Estado de São Paulo.

Entrevistadora: Que outras experiências você destacaria?

Franco: Bom, depois das estratégias para tentar construir uma credibilidade e um respeito no museu começamos a pensar estratégias para trazer a comunidade para dentro do museu. E aí nasceram várias atividades. Uma delas foi simplesmente ceder o espaço. Por exemplo, hoje temos às terças-feiras o Coral LGBT ensaiando no museu. É lindo, quem conhece o museu sabe que é como uma caixa de vidro, as pessoas passam e param para assistir. Também começamos a fazer encontros e a ceder o espaço para grupos transsexuais, assexuais, bissexuais. Tem também um grupo que usa muito o espaço, que é um grupo de terceira idade LGBT, quando foram solicitar

disseram "Ah, mas a gente serve cafezinho e biscoitinho porque o pessoal gosta, dá pra fazer no museu?" e eu falei, "Dá sim!", algum museólogo vai me matar, mas a gente faz isso sim, porque a gente acha que o mais importante é a comunidade ocupar o espaço, café a gente limpa. Não sei se é muito correto falar isso para vocês, mas a gente faz isso! E aí eles se reúnem lá, e a gente serve o café e é muito legal. A primeira vez que eles fizeram esse encontro foi na exposição Devassos no Paraíso, que contava a história da comunidade lgbt, então eles super se identificaram.

Entrevistadora: Essa exposição foi um marco importante para o museu, certo? Pode nos contar mais sobre ela? Quais foram as estratégias para dialogar com os públicos a partir dessa exposição?

Franco: Essa exposição tem duas coisas importantes para o museu. Primeiro isso de ter recebido o pessoal da terceira idade, e segundo em relação aos jovens. Foi muito legal porque tínhamos feito uma pesquisa de públicos um pouco antes da exposição que mostrava grande quantidade de jovens visitando o museu. Era uma preocupação pensar como uma exposição tão densa como Devassos, com muitos textos, como dialogaria com esse público. E aí com o apoio de um grupo de informática conseguimos criar um sisteminha que era o "ChatBot", um QRcode na exposição onde o pessoal chegava com o celular e aparecia o bonequinho do João Silvério, que ia falando sobre a exposição. Foi uma experiência incrível que chegamos a apresentar no google, e em vários lugares.

Entrevistadora: E essas estratégias de diálogo com os públicos como foram se desenvolvendo no museu?

Franco: Depois que o museu já tinha uma certa estrada começou a aparecer muitos artistas lgbt querendo expor no museu, querendo fazer várias coisas. Começamos a pensar como poderíamos fazer no metrô, sem dinheiro, como poderia dar visibilidade, como escolher um artista e não escolher outro, etc. Foi aí que nasceu a ideia de fazer esses chamamentos públicos, que atualmente é uma característica importante do museu. Então criamos a Diversa, uma exposição coletiva. Optamos por não fazer exposição de um artista individual, ou é um tema ou são coletivas. Então abrimos esses chamamentos públicos para que as pessoas apresentem seus trabalhos e é montada uma comissão que decide. A Diversa já tá na terceira edição e é muito legal porque vários dos artistas que começaram ali no museu já tem uma carreira fora, construíram alguma coisa e o museu

cria relação entre eles. Outro dia fui numa galeria de arte, assistir uma exposição de três desses artistas que se conheceram no museu.

Entrevistadora: E essa prática de coletivizar as exposições acontecem só com a Diversa? Quando algum artista já consagrado procura o museu como funciona?

Franco: A Diversa é um chamamento público e é mais voltado para artistas novos, mas percebemos que tinham artistas mais conhecidos que também queriam fazer coisas no museu, mas aí funciona de outra forma. Nesses casos convidamos um curador e pensamos num tema, normalmente temas que acabam aparecendo nessas conversas em redes sociais. A primeira experiência que fizemos assim foi Solidão, onde demos essa temática para artistas mais conhecidos, já consolidados no mercado, e aí eles fizeram um projeto, e essa obra foi doada para o museu. Teve Solidão e agora estamos preparando uma exposição que se chamará Rresetar, que fala sobre a pandemia, sobre parar, e como a gente suporta esse preconceito, ou como a gente para e se reinventa todo dia para suportar essa carga que a sociedade impõe.

Entrevistadora: E você gostaria de destacar algum movimento de diálogo construído pelo museu?

Franco: Outro movimento que eu acho que é importante frisar é a relação que estabelecemos com a periferia, e como trazer esse debate um pouco para o museu. Fizemos uma conversa com vários coletivos da periferia que resultou na exposição Textão. Foi um processo muito complexo, bastante complicado pra gente, porque estávamos em diálogo com os coletivos, e conciliando com prazo e orçamento, foi muito difícil. A exposição atrasou umas três quatro vezes, mas saiu. Foi um processo complexo mas muito importante, para ocupar esse espaço com os coletivos. O problema é sempre esse, né?! Cada vez que tem um problema nós precisamos ir no coletivo resolver e decidir em conjunto e esse processo leva um tempo que muitas vezes o equipamento cultural não tem, e temos que cumprir meta, e uma série de coisas, mas acho que também foi um momento fundamental para o museu, para gente conversar com a periferia de São Paulo que é um lugar muito rico, e com um questionamento forte sobre onde tão os lgbs, que muitas vezes não tem espaço para falar, não tem espaços pra mostrar suas artes.

Isso tudo tem a ver com essa coisa de entender nosso lugar, inclusive ali dentro do metrô, por isso passamos a utilizar várias estratégias para nos comunicar, porque desde o início

entendemos que não adiantava falar só com a nossa comunidade que nos aceita, mas estabelecer um processo para mediar o debate com toda a sociedade ali representada. Por isso o Educativo sempre foi a parte mais importante do museu. Desde o começo investimos nesse processo de construção do Educativo. Como falar, como fazer, etc. E isso foi acertado, tanto que hoje a gente percebe que quando uma escola pública - ou privada - tem algum "problema" como "ah tem uma criança trans, o que fazer?", já levam no museu da diversidade. Isso foi uma descoberta incrível, que a gente faz o diálogo com os professores e que essas questões postas ali na escola vão para o museu.

{FIM}